



HAL
open science

Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método

Hervé Breton

► **To cite this version:**

Hervé Breton. Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Université Fédérale du Minas Gerais, Belo Horizonte, Brésil. NARRATIVAS COLETIVAS NO TRABALHO, RELAÇÕES COM O CONHECIMENTO E EMANCIPAÇÃO, 2020. hal-02970758

HAL Id: hal-02970758

<https://hal.science/hal-02970758>

Submitted on 28 Aug 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Copyright

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

Hervé BRETON
Maître de conférences,
EA7505, Université de Tours, France
herve.breton@univ-tours.fr

MICROFENOMENOLOGIA DA VIVÊNCIA NO TRABALHO: DA EPISTEMOLOGIA AO MÉTODO

A exploração da experiência vivida é objeto de um interesse crescente nas ciências humanas e sociais. O objetivo deste artigo é propor uma definição vivência a partir de um paradigma do singular (QUÉRÉ, 200): a fenomenologia prática e descritiva. Assim, buscaremos, nas primeiras seções, definir o que é uma vivência do ponto de vista da fenomenologia Husserliana para, na sequência, interrogar os desafios científicos e metodológicos da sua descrição, o que nos conduzirá a analisar a especificidade das narrações ditas “micro-fenomenológicas”, especialmente a partir da análise dos regimes cinéticos dos textos que podem ser produzidos. Este trabalho de base permitirá, então, adentrar na análise dos estratos de uma vivência singular expressa em primeira pessoa sobre o exercício de uma atividade profissional: o acompanhamento de um coletivo de formação de adultos. Esta análise nos permitirá interrogar as contribuições de um trabalho de descrição em primeira pessoa e as condições de diálogo entre os registros de enunciação da vivência no trabalho a partir de uma perspectiva de profissionalização.

1. Experiência e o vivência

A experiência pode ser pensada tanto sob uma perspectiva imediata, quanto retrospectiva. Interrogar-se sobre a experiência “já vivida”, é interessar-se (de novo) pelos momentos passados para apreendê-los como “tema”, como “objeto de estudo”. Esse trabalho de “debruçar-se sobre” carece, para ser compreendido em seu desenvolvimento, de uma definição do que perdura, sedimenta e constitui-se (ou constrói-se) no curso da experiência. Essa perspectiva foi alvo de publicações recentes na área da formação¹ e no escopo desse artigo, o interesse volta-se, especialmente, para a experiência em vias de ser vivida, o que em alemão é designado pela palavra

¹ Podemos citar os três números da revista “Education Permanente”, intitulados “*Construire l’expérience*”, tendo por temas : « Réflexivité et pratique professionnelle » (n°196) ; « Travail et développement professionnel » (n°197) ; « Formation expérientielle et intelligence en action » (n°198). Dentre as publicações recentes: Barbier, R e Thievenaz, J. (2013). *Le Travail de l’expérience*. Paris : L’Harmattan ; Albarello, L., Barbier, J-M., Bourgeois, E., e Durand, M. (2013). *Expérience, activité, apprentissage*. Paris : PUF. Zeitler, A., Guérin, J., Barbier, J-M. (2012). La construction de l’expérience. *Recherche & Formation*, 70.

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

29 “erlebnis” e em inglês por “to experience”². A franca diferenciação dos dois planos – o lugar da
30 experiência passada e da experiência do “presente” – não será abordada sem uma problematização.
31 Na verdade, o que se apresenta para ser vivido no presente é, em parte, configurado pelas vivências
32 passadas. Em outras palavras, a experiência procede de um princípio dinâmico de continuidade
33 (DEWEY, 1934/2010), tornando porosa a fronteira entre o que já foi vivido e aquilo que é
34 experimentado no curso da experiência.

35 Procuraremos diferenciar esses dois planos, para em seguida, a partir das construções estabelecidas,
36 interrogar os processos que se constroem entre “percepção” e “memória”. Para tanto, torna-se
37 necessário apontar para os marcos necessários para a análise do que constitui “o presente vivo” a
38 fim de definir o que é esta vivência situada no fluxo da experiência, diferente da experiência já
39 experimentada. Esse trabalho de definição pode ser realizado “conceitualmente”. Ele pode ser
40 empírico e, portanto, experiencial. É, na verdade, uma das razões da escassez de trabalhos que se
41 apóiam sobre a vivência enquanto “experiência em vias de ser vivida”: ela só pode, a priori, ser
42 estudada em segunda ou terceira pessoa. Em outros termos, é possível especular sobre a experiência
43 imediata (em terceira pessoa) ou observar a experiência vivida pelos outros (segunda pessoa)³.
44 Contudo, o estudo em primeira pessoa daquilo que foi vivido no curso de uma experiência parece
45 “fora do alcance”. Ou em outras palavras, é difícil para o indivíduo perceber, de maneira
46 contemporânea, o mundo tal como ele é percebido, assim como os processos e ações de percepção
47 pelos quais o mundo se revela à consciência. Perceber é ser ou tornar-se sensível aos elementos,
48 objetos ou sujeitos presentes na situação, no curso da experiência às custas de outros. Essa atividade
49 de percepção procede de uma dinâmica durante a qual o “eu” do sujeito é sensível, atento,
50 interessado aos dados da experiência, sobre um modo engajado e implicado. A partir desse ponto de
51 vista é possível considerar que o emparelhamento “eu-mundo” serve de fundação à atividade da
52 percepção, o que dificulta a análise reflexiva das modalidades pelas quais a experiência mostrou-se
53 na vida do sujeito. A consequência será, portanto, a seguinte: toda reflexão sobre a experiência
54 vivida em primeira pessoa seria necessariamente uma reflexão em retrospectiva. Assim, partindo
55 desta proposição, o presente vivo só poderia ser descrito em terceira pessoa, de modo especulativo

² Propõe-se a leitura do artigo de Mathias Girel, M. (2014). L’expérience comme verbe ? *Éducation Permanente*, 198, 23-34.

³ A respeito destas questões, o leitor poderá consultar a publicação coordenada por Natalie Depraz (2014), a qual interroga o status dos métodos em primeira pessoa de um ponto de vista fenomenológico e as dialoga com os métodos em segunda e terceira pessoa..

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

56 diante da impossibilidade de realizar, de maneira simultânea, uma análise do mundo percebido e um
57 trabalho de atualização das ações e gestos que contribuiram para fazer emergir o mundo vivido no
58 fluxo da experiência.

59 2. Fenomenologia descritiva da experiência vivida

60 Nesse ponto, deparamo-nos diante de uma dificuldade de ordem metodológica frente à qual os
61 trabalhos da fenomenologia husserliana, e mais precisamente, um dos ramos atuais da
62 fenomenologia dita “prática” ou experiencial (DEPRAZ, 2009) – ou micro fenomenológica – abrem
63 perspectivas de exploração que soa interessante ao nosso estudo. Quais são os desafios? De
64 estruturar as abordagens permitindo a análise de dimensões experienciais da atividade perceptiva,
65 permanecendo não tematizadas pelo sujeito, devido ao seu foco “natural” sobre os objetos
66 percebidos em detrimento dos atos de apreensão perceptiva. Observamos, então, desenhar-se um
67 campo de pesquisa singular: da compreensão do que foi vivido no curso da experiência, segundo
68 diferentes dimensões: sobre o que “eu” estou sensível (processo afetivo), sobre o que “eu” estou
69 atento (dinâmica atencional), sobre o que digo a mim mesmo quando percebo, delibero, decido
70 (processos cognitivos e lingüísticos); sobre o que eu espero e antecipo (dinâmica temporal),... Por
71 meio da fenomenologia descritiva (DEPRAZ, 2013), abrem-se perspectivas de pesquisa voltadas
72 para uma “ciência da experiência vivida” (PETITMENGIN, BITBOL, OLLAGNIER-BELDAME,
73 2015). Em outras palavras, a micro fenomenologia tem por projeto, na continuidade dos trabalhos
74 de Francisco Varela (VARELA, 1989, 1993) sobre enação, estudar o contínuo da experiência e não
75 as representações do sujeito sobre o que ele vive ou age, nem suas opiniões, julgamentos ou teorias
76 sobre a ação em situação, mas os processos de emparelhamento pelos quais o dizer do sujeito
77 encontra-se engajado nas situações. Fazendo isso, ela abre uma via para as pesquisas sobre a
78 experiência que não se voltam nem para um lado subjetivismo particular, fragmentário e privado,
79 nem para um lado de um objetivismo identitário e deificante (BITBOL, 2006).

80 Torna-se necessário, para examinar o vivo sobre um plano experiencial, dotar-se de uma
81 “aparelhagem metodológica”, abrindo corretamente à sua descrição em primeira ou segunda pessoa.
82 É preciso compreender a necessidade de um método de descrição ajustado⁴, consagrar um tempo

⁴ É preciso entender por « descrição regulada » o fato de construir uma prática de descrição que seja explícita em seus procedimentos e, por isso, reproduzível. Esta é, por Petitmengin, Bitbol et Ollagnier-Beldame, uma condição da constituição de uma « ciência do vivido ».

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

83 para analisar o vivido e seus estratos (PETITMENGIN, 2010). Na verdade, o sujeito no curso da
84 experiência “faz parte” das situações que ele atravessa. Ele é, segundo os termos de Dewey,
85 engajado em uma atividade que participa da definição da situação (FREGA, 2006). Em outras
86 palavras, viver é encontrar-se engajado enquanto agente e agir em função dos objetivos que
87 configuram e transformam as situações vividas. A vivência é, então do ponto de vista do sujeito
88 orientada por um objetivo a ser perseguido. Assim, o que é refletido no curso da experiência, e por
89 isso o que é acessível enquanto “vivência refletida e tematizada” é, essencialmente a parte
90 intencional e orientada da ação do sujeito. Ou ainda: para o sujeito, o vivido resume-se em sua
91 dimensão refletida pelos objetos percebidos no curso da ações que terão sido observadas como
92 unidade que vem compor a situação.

93 No entanto, esta dimensão refletida da experiência, diretamente acessível ao sujeito, não a resume.
94 É possível mesmo considerar que ela esconde outras, sua evidência relega ao pano de fundo as
95 dimensões pré-refletidas que constituem os estratos que podem ser interrogados ou mais
96 exatamente: descritos. Este trabalho de descrição pode, então, dedicar-se aos procedimentos da
97 ação, à atividade de percepção, aos modos pelos quais a situação se dá, as impressões e sentimentos
98 experimentados... Este trabalho não emerge do sujeito em si mesmo. Sem o estabelecimento de um
99 método, o estudo da experiência vivida percorre caminhos da introspecção que adentram no
100 internalismo ou mentalismo (PETITMENGIN, BITBOL, OLLAGNIER-BELDAME, 2015). Ou
101 inversamente, como já dito, ela leva a uma ciência na terceira pessoa, experimental, reduzindo a
102 atividade do sujeito ao que pode ser observado. O avanço em direção a uma terceira via, criando as
103 condições possíveis para um estudo rigoroso da experiência vivida, exige estruturar as abordagens
104 em primeira pessoa, permitindo a descrição da experiência de acordo com quatro critérios
105 essenciais: visar as vivências singulares, guiar a exploração em direção aos estratos pré-refletidos da
106 experiência⁵, ajustar o nível de detalhe da descrição de acordo com diferentes escalas temporais⁶,
107 orientar a descrição em direção à aspectos particulares da vivência (sentido, inferência, linguagem,
108 impressões...).

⁵ Sobre esse ponto, o leitor pode consultar o artigo de C. Petitmengin (2010) ; assim como o artigo « *Description et vécu* » de Pierre Vermersch publicado na revista eletrônica *Expliciter* (n°89, mars 2011).

⁶ Sobre esse ponto, indicamos o artigo de F. Lesourd publicado na revista *Expliciter* (n°46, octobre 2002), intitulado « Des fenêtres attentionnelles temporelles. »

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

109 Encontramos aqui os fundamentos da técnica de entrevista construída por Pierre Vermersch (200) e
110 apresentado em seu manual “*L’entretien d’explicitation*”, cuja a primeira edição data de 1994. Na
111 sequência tem-se a publicação de uma obra coletiva (DEPRAZ, VERMERSCH, VARELA, 2011),
112 abrindo a via para uma ancoragem da entrevista de explicitação em fenomenologia (DEPRAZ,
113 2012) e inscrevendo-a segundo uma perspectiva científica aberta por Varela em torno da
114 emergência de uma ciência da experiência a partir de teorias da enação (PETITMENGIN, 2006 ;
115 VARELA, 1976-2001/2017). Entre 1994 e 2012, data do lançamento da segunda obra de Vermersch
116 (2012), intitulada *Explicitation et phénoménologie*, um paradigma dito da descrição fenomenológica
117 da vivência emergiu. A entrevista de explicitação, em vias de ser renomeada por “entrevista micro-
118 fenomenológica” constitui-se como método permitindo o estudo fenomenológico e experiencial da
119 vivência de acordo com os procedimento descritivos ajustados, analisáveis e reprodutíveis.

120

121

122 **3. Os estratos do vivido: procedimentos da ação, atencionalidade e percepções sensíveis**

123 O estudo das vivências de um ponto de vista micro-fenomenológico apresenta características que
124 podemos agora expor a fim de situar, em seguida, esta abordagem entre as práticas narrativas
125 mobilizadas na formação de adultos. No que diz respeito aos estratos do vivido, uma primeira
126 distinção (de base) pode ser operacionalizada a partir daquilo que salienta do campo do refletido ou
127 do pré refletido. Esta distinção, simples na realidade, merece mesmo assim uma análise particular.
128 Os primeiros trabalhos de Vermersch, ancorados na psicologia piagetiana (PIAGET, 1974)
129 modelam, a partir da noção “de abstração reflexiva” a passagem do pré refletido ao refletido ao
130 longo de três etapas (VERMERSCH, 2000, p. 80): a reflexão da experiência, sua tematização (que
131 supõe a expressão pela palavra) e a reflexão sobre a experiência tematizada, esta última assinalando
132 a possibilidade de fazer do vivido um objeto de conhecimento. Essa passagem do tácito ao explícito,
133 importante na análise do trabalho, seja para a construção da engenharia da formação para os
134 didáticos, seja para o acompanhamento dos processos de “construção da experiência” em uma
135 perspectiva de desenvolvimento profissional, tem por mérito assinalar a dimensão pré refletida de
136 toda experiência vivida, sem, contudo, especificar o conteúdo.

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

137 Encontramos então um dos primeiros desafios das pesquisas fenomenológicas e empíricas sobre o
138 vivido: especificar, examinar, elucidar o que constitui a dimensão tácita, pré refletida da experiência
139 para a fenomenologia husserliana – a vida passiva (HUSSERL, 1918-1926/1998). A noção de
140 “passividade” coloca em relevo o que se desenrola no curso da experiência – o “presente vivo” –
141 “sem conhecimento do sujeito”. Ou mais precisamente, sem que o sujeito perceba, e mais
142 exatamente, não preste atenção ou não dê atenção. Nesse ponto que a questão da agentividade do
143 sujeito coloca-se no que se passa para o mesmo no curso da experiência. A teoria da vida passiva
144 pressupõe o fato de que a experiência é parcialmente composta por uma "dor", que aparece sob a
145 forma do mundo pré-determinado percebido pelo sujeito como um dado constituinte das situações
146 experienciadas. Em outras palavras, o que é percebido das situações constitui o mundo tal como ele
147 se mostra, sem que esses processos sejam objeto de trabalho ativo do próprio sujeito. A vida passiva
148 - a dimensão pré refletida da experiência vivida - é composta de impressões, afetos, interesses,
149 percepções difusas e transmodais⁷, formando de certa maneira a atmosfera da experiência vivida⁸ -
150 sua dimensão sensível e sentida.

151 Vemos então emergir os diferentes estratos evocados anteriormente. Uma maneira de distingui-los
152 poderia ser a seguinte:

- 153 - O estrato do vivido refletido, relativo à situação concretamente experienciada, em seus
154 desafios, sua espacialidade e temporalidade, pontuada pelos fatos marcantes, pelas ações
155 concretas e marcadas por julgamentos. Esse estrato foi modelado por Vermersch em seu
156 quadro intitulado “o sistema de informações satélites da ação” (VERMERSCH, 2000, p. 94).
- 157 - O estrato do que é percebido em situação: a exploração pode se concentrar sobre os pontos
158 “salientes”, ou seja, aquilo que se destaca enquanto objeto dentre o todo do que é vivido no
159 decorrer da experiência. Em outras palavras, trata-se de compreender o que organiza e
160 estrutura a vida intencional, o que é esperado, antecipado e, por contraste, o que se revela
161 das formas de cegueira da atenção no curso da experiência vivida.

⁷ Entende-se por “transmodalidade” o fato que as percepções mobilizam vários sentidos (visão, audição e olfato...) na apreensão dos conteúdos que acontecem aos sujeitos no curso da experiência.

⁸ Ver artigo de Jean-Paul Thibaud. (2004) em B. Karsenti e L. Quéré (dir.). “La croyance et l’enquête” (p. 227-253). Paris : Éditions de l’EHESS.

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

- 162 - O estrato relativo aos modos de doação de conteúdos da experiência. Neste estrato, a atenção
163 do sujeito é direcionada para os modos de doações dos objetos que retém ou que tenham
164 retido sua atenção. Trata-se de perceber o relevo experiencial (temporalidade, graduação,
165 expressão pela palavra,...) e, assim, analisar os processos pelos quais os elementos destacam-
166 se, impõem-se, ou ao contrario, mantém-se imperceptíveis, difusos e não categorizados no
167 presente vivo.
- 168 - O estrato do que é sentido: abre-se aqui o mundo das impressões, sensações, afetos
169 experienciados no contato com os objetos percebidos: os sons ouvidos (as vozes, o barulho
170 das máquinas,...), a luminosidade da sala, a textura dos materiais, os ritmos dos gestos... O
171 vivido compõe-se de sensações do corpo, de percepções difusas, de apreensões sensoriais,
172 de propriocepções,...

173 A atualização dos estratos do vivido abre perspectivas de exploração que interessam à análise do
174 trabalho e ao desenvolvimento profissional. Esta proposição pode ser examinada segundo três
175 aspectos distintos: a) a descrição do vivido segundo os procedimentos regulados permite identificar
176 e estruturar categorias descritivas inéditas; b) a extensão dos estratos transforma os objetos de
177 exploração e de análise dessas vivências e abre possibilidades de compreensão dinâmica dos
178 processos experienciais que acontecem nas situações experimentadas pelo sujeito; c) a capacidade
179 adquirida, com vistas à exploração da sua experiência, escolhendo os estratos da vivência a
180 privilegiar, ou o nível de granularidade pertinente e os aspectos a valorizar na descrição, forja uma
181 expertise reflexiva, fonte de desenvolvimento profissional. Antes de examinar essas três hipóteses, é
182 preciso situar a prática micro fenomenológica no cenário das práticas narrativas e biográficas na
183 formação de adultos.

184 **4. Narração da experiência: variação cinética e regimes narrativos**

185 Anteriormente, buscamos definir o que é o vivido para estabelecer seus diferentes estratos. Este
186 trabalho inicial irá agora nos permitir estudar e diferenciar os “regimes narrativos”, favorecendo a
187 narrativa da experiência, ou seja “a passagem da experiência à linguagem”. Havíamos dito que todo
188 vivido constitui-se enquanto unidade temporal, como fragmento mais ou menos extenso da história
189 do sujeito. Esta dimensão temporal do vivido merece agora uma análise aprofundada, pois ela
190 condiciona os procedimentos narrativos que serão mobilizados para a sua exploração. Este é, de

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

191 fato, uma das proposições de Ricœur : vislumbrar a reciprocidade das formas de temporalização da
192 experiência com a experiência de construção narrativa:

193 *“Minha hipótese de base é a esse respeito é a seguinte: o caráter comum da*
194 *experiência, que é marcado, articulado, clarificado pelo ato de contar sob*
195 *todas as suas formas, diz respeito ao seu caráter temporal. Tudo o que*
196 *contamos acontece no tempo, toma tempo, desenrola-se temporalmente e o*
197 *que se desenrola no tempo pode ser contado. Talvez até qualquer processo*
198 *temporal seja reconhecido como tal apenas na medida em que seja*
199 *relacionável de uma maneira ou de outra. Esta reciprocidade suposta entre*
200 *narrativa e temporalidade é o tema de ‘Temps et récit’” (RICŒUR, 1986,*
201 *p. 14).*

202

203 Partindo desta proposição, torna-se necessário examinar em função de cada um dos intervalos
204 presentes nas experiências vividas e as formas narrativas que resultam dos mesmos.

205 No que diz respeito à escolha de uma escala temporal pertinente para a análise de uma experiência
206 vivida, partindo do pressuposto que a mesma comporta diferentes estratos, torna-se possível
207 considerar que os critérios de escolha variam de acordo com o estrato que estará em análise no
208 curso da exploração. Em outras palavras, se a descrição busca o “estrato do que foi sentido”,
209 possivelmente o sentido ligado a um dos aspectos do vivido (as sensações corporais, por exemplo),
210 essa descrição terá por conseqüência a redução do intervalo. Esta proposição pode ser considerada
211 como verdadeira pelo fato de que a análise do que foi sentido supõe: identificar o que, no fluxo da
212 experiência, destaca-se enquanto objeto principal; analisar temporalmente e qualitativamente os
213 modos de destacamento e de apreensão; identificar a ressonância que provoca o contato (despertar,
214 acolhimento, o choque, ...) da sensação particular. A análise do que foi sentido supõe, então,
215 concentrar a exploração sobre as experiências vividas breves, por vezes de alguns segundos, para
216 assim “cavá-las” por meio de uma descrição que busque “os estratos profundos”. Contudo, é
217 possível considerar que um intervalo da mesma escala poderia ser pertinente para descrever os
218 procedimentos de ação, sem necessariamente interessar-se pelas dimensões do que foi sentido. Em
219 contrapartida, o fato de reter um grande intervalo de uma experiência vivida, de uma duração de
220 muitas horas, dias ou meses, impede a descrição de processos experienciais relacionadas com uma

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

221 percepção concreta e situada. Este tipo de intervalo exige, na verdade, a passagem de um regime
222 descritivo para um regime narrativo (ADAM, 2015).

223

224 Os trabalhos de Baudouin (2010) sobre os regimes cinéticos permitem apontar precisamente o
225 problema. Seu estudo, conduzido a partir de um corpus de 22 narrativas autobiográficas, analisa os
226 modos de composição das mesmas a partir das variações cinéticas⁹ do texto. A identificação dos
227 fatores de desaceleração ou de aceleração do “tempo narrado no texto” (calculado pela duração
228 média compreendida por 2500 caracteres) leva-o a propor, mobilizando os trabalhos de Genette
229 (1972), quatro modalidades de composição da narrativa:

230

Pausa	Ação suspensa	Importante fator de desaceleração
Cena	Ação narrada	Fator de desaceleração
Sumário	Ação resumida	Fator de aceleração
Elipse	Ação omitida	Importante fator de aceleração

231 Quadro 1 : *Procedimentos narrativos e variações cinéticas da narrativa* (Baudouin, 2010, p. 419)

232 Este quadro diferencia quatro modos de composição da narrativa em função de seu efeito cinético: a
233 “pausa” cuja característica é de suspender o desenrolar e de acolher uma sequência de descrição
234 mais ou menos detalhada; a “cena” que mantém em condição de igualdade de tempo a narrativa
235 descritiva e o desenrolar da história; o “sumário” cuja função é de operar a conjunção entre as
236 diferentes sequências do texto. Este último mantém ligadas a cena e a “elipse”, que constitui um
237 tempo ocultado da história. Estas quatro “figuras de composição” da narrativa conjugam-se no
238 estudo de Baudouin para constituir o enredo (RICŒUR, 1983), que mantém unidos os eventos e os
239 momentos de destaque vividos pelo sujeito e que acontecem no curso da sua vida. O enredo
240 imprime uma velocidade à narrativa que nunca é constante nas entrevistas biográficas. Emerge do
241 referido estudo de Baudouin com 22 narrativas autobiográficas que o índice “numero de caracteres/
242 extensão da experiência narrada em numero de anos” estabelece-se à 1256 caracteres (o mínimo
243 estabelecendo-se em 17.000 e o máximo em torno de 70.000). Esta velocidade cinética não é linear.
244 Certas fases da vida vão, de fato, aparecer muito detalhadas, enquanto outras não serão

⁹ Baudouin (2010, p. 413) define “os regimes de economia cinética de um texto” como “a relação” entre uma quantidade crônica e um número de caracteres ».

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

245 mencionadas. Contudo, é possível tomar como referência esta velocidade do texto autobiográfico
246 para compará-la com a velocidade de um texto oriundo da fenomenologia descritiva, o que permite
247 medir e ilustrar a extrema lentidão dos textos micro fenomenológicos. Como exemplo, os textos de
248 20.000 caracteres podem contar como unidade de tempo uma duração que não excede os trinta
249 segundos. A análise descritiva das experiências vividas salienta claramente a pausa, ou mesmo uma
250 paralisação, do suspense do enredo, com vistas a um “alongamento temporal máximo” que dá
251 acesso às dimensões microtemporais que permitem a descrição de processos experienciais “infra”.
252 O desafio é, então, de proceder pelo “aprofundamento”, suspendendo o desenvolvimento a fim de:
253 fragmentar as unidades de sentido da narrativa, buscando o acesso aos estratos pré refletidos do
254 vivido; focalizar a descrição de aspectos particulares com vistas a atualizar dimensões não
255 percebidas ou que não foram categorizadas.

256 **5. Olhar micro-fenomenológico sobre o vivido no trabalho**

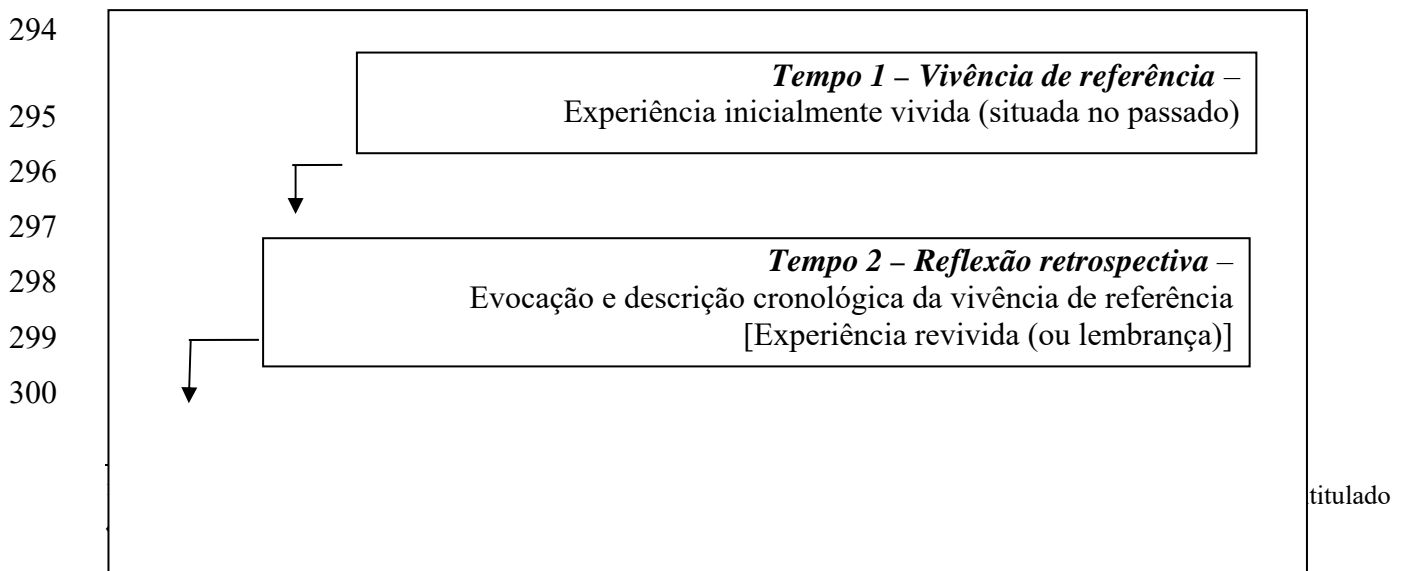
257 O trabalho de definição realizado anteriormente permitirá, nesse momento, interrogar os desafios e
258 a pertinência de uma exploração micro-fenomenológica das experiências vividas no trabalho.
259 Numerosas abordagens e metodologias estão desde já construídas para explorar, analisar, refletir
260 sobre as vivências e as práticas da experiência profissional. Os desafios que estão atrelados a esses
261 métodos podem voltar-se para o reconhecimento no trabalho (JOBERT, 2011), para os
262 procedimentos da ação (DJÉDOT, DIALO, CLOT, 2003), para os procedimentos de elaboração das
263 regras de ofícios nos coletivos de trabalho (DEJOURS, 2009). Diferentes metodologias são
264 utilizadas, especialmente a auto-confrontação cruzada (DUBOSC, CLOT, 2010) e a entrevista de
265 explicitação. As narrativas de vida são igualmente mobilizadas nos campos do conselho para a
266 evolução profissional, da avaliação de competência e da orientação ou do reconhecimento das
267 aquisições de competências.

268 Assim, existe uma grande diversidade de abordagens para refletir e pensar as experiências vividas
269 no trabalho de acordo com diferentes perspectivas que, para resumir, podem focar no
270 desenvolvimento profissional, na engenharia de formação, no acompanhamento de trajetórias
271 profissionais. A proposição feita pela descrição fenomenológica é de focar, como já foi dito, na
272 descrição detalhada de vivências em intervalos muito curtos para explorar as camadas de
273 experiências vividas “em profundidade”. Partindo deste princípio, propomos interrogar a

274 pertinência, uma vez que seu uso é realizado de maneira individual (para si, em primeira pessoa), na
275 inter-individualidade (em segunda pessoa, durante entrevistas de explicitação, por exemplo), no
276 coletivo (com vistas a uma categorização voltada para os procedimentos de micro-ações e/ou de
277 dimensões sensíveis ligadas à vida no trabalho).

278 **6. Olhar micro-fenomenológico em primeira pessoa sobre uma experiência vivida no** 279 **trabalho**

280 Para além dos diferentes métodos possíveis para explorar e interrogar a experiência, diferentes
281 “posturas” podem ser diferenciadas de acordo com o narrador em primeira, segunda ou terceira
282 pessoa. Será privilegiado nesta seção, a abordagem em primeira pessoa que pode, assim, ser
283 definida: “a postura em primeira pessoa remete ao fato de abordar a experiência segundo o sujeito
284 que a vive” (BERGER, 2016, p. 65). Ela pode ser distinguida em terceira pessoa (que consiste em
285 cobrar a informação sobre a experiência vivida pelo outro a partir de observadores) ou de uma
286 postura em segunda pessoa, que privilegiará a exploração da experiência vivida solicitando a
287 expressão do outro sobre o que foi vivido. Uma postura dita “radicalmente em primeira pessoa”
288 remete-se então ao “que o pesquisador pode dizer de sua experiência própria, para seu próprio
289 testemunho que ele toma como material de e para a sua pesquisa” (BERGER, 2016, p. 105). É o
290 caso, por exemplo, da abordagem fundada por Pierre Vermersch *via* a auto-explicitação¹⁰, que se
291 apresenta como um método de “introspecção regulada”, buscando rememorar uma vivência
292 particular, situada no tempo, a fim de detalhar as fases de desenvolvimento para, em seguida,
293 examinar os diferentes aspectos.



[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

301

Tempo 3 - Releitura do texto descritivo voltado para a vivencia de referência –
Exame de diferentes aspectos da experiência (“aspectualização”) Escolha de estratos
do que foi vivido, descrição da atividade, da percepção, do que foi sentido

302

303

304

305

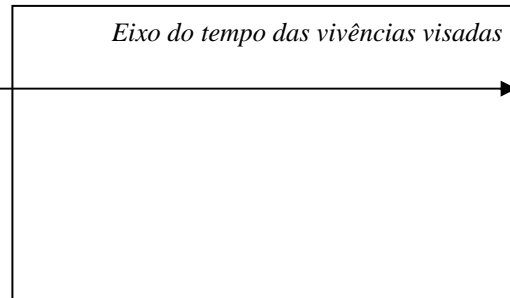
306

307

308

Diagrama 1 : *Procedimentos de auto-
explicitação entre os níveis de detalhe,*

“aspectualização” da experiência e estratos de vivências



309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

Segundo o diagrama acima, o trabalho de exploração da experiência deve conjugar quatro gestos bem específicos. O primeiro busca o fato concentrar-se sobre uma vivência particular, singular, chamada de “vivência de referência”. Este trabalho supõe que o sujeito entregue-se e coloque-se disponível para a memória (BRETON, 2015), a fim de acessar a vivência que, pela evocação, pode se apresentar em seu “presente vivo”. Em seguida, têm-se três gestos precisos que devem ter sido aprendidos para serem exercidos conjunta ou sequencialmente: a descrição da experiência no tempo; o exame dos diferentes aspectos da experiência, o que Adam (2015) nomeia “aspectualização” e que, segundo o autor, caracteriza o regime da descrição; o “aprofundamento” pela escolha de concentrar a atenção, não sobre a ação, mas sobre a vivência do sujeito em seu curso. Mobilizada para pensar a experiência vivida no trabalho, esta abordagem “em primeira pessoa” procede de um trabalho conduzido pelo sujeito buscando refletir sobre momentos particulares de sua experiência para analisar e categorizar certos aspectos. A fim de ilustrar, proponho o exemplo abaixo oriundo de uma narrativa descritiva curta:

322

323

324

325

326

327

Eu gostaria de me perguntar sobre o modo como faço para, em formação, acompanhar um grupo de estudantes em um percurso de mestrado durante o ano universitário. Eu posso restringir-me à considerações gerais para destacar alguns princípios. Também é possível agir de forma diferente e concentrar minha atenção sobre o que faço no início de cada um dos reagrupamentos que, no departamento de ciências da educação e da formação da universidade de Tours, acontecem uma vez por mês sob a forma de quatro a cinco dias consecutivos. Fazendo

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

328 *isso, eu posso então escolher concentrar minha atenção sobre o último reagrupamento do*
329 *mestrado 2 SIFA, que aconteceu terça-feira 28 de março, na sala 128, no campus de Tanneurs*
330 *da Universidade de Tours e, mais precisamente ainda, tomar como vivência de referência o*
331 *primeiro momento de recepção, entre 9h e 9:30h.*

332 Façamos uma pausa. O que eu fiz nesse estágio? Eu defini uma temática de trabalho e enfoquei uma
333 vivência de referência. Eu posso, então, seguir buscando descrever de maneira cronológica a
334 experiência vivida durante esses trinta minutos. Eu percebo, contudo, que eu não posso fazê-lo de
335 “uma vez só”, ou mais especificamente, parece-me mais pertinente distinguir os aspectos.

336 *Fazendo assim, eu decido então começar pela descrição daquilo que eu percebo: o rosto dos*
337 *estudantes, a disposição deles na sala, suas expressões, o barulho das discussões dos*
338 *reencontros, a disposição dos corpos... Prestando atenção, eu sinto também um “ambiente”, a*
339 *luz me parece “branca”, talvez muito forte, uma luminosidade um pouco mais aguda... A*
340 *temperatura da sala é fria... Eu digo para mim mesmo que a sala não foi utilizada (ou*
341 *“habitada”) nos últimos dias ou ainda nas últimas semanas... Eu digo para mim mesmo que eu*
342 *posso, além disso, descrever o que eu faço, sempre de maneira cronológica em uma situação*
343 *particular: depois de ter cumprimentado o grupo, eu anuncio o programa, dia por dia... Em*
344 *seguida, eu faço as ligações com as temáticas que foram trabalhadas durante o reagrupamento*
345 *precedente. Eu cito, então, as datas.... Enfim, eu posso concentrar minha atenção sobre o que eu*
346 *sinto quando eu conduzo esta atividade: eu noto, então, uma forma de expectativa em alguns*
347 *rostos. Eu tento, então, propor referências cronológicas para que aquilo que foi trabalhado no*
348 *curso da formação seja pensado ao longo do tempo. Como esta atenção às expressões dos rostos*
349 *dos estudantes manifesta-se para mim? Eu sinto, neste momento, de maneira corporal, uma*
350 *“presença interna”, uma forma de vigilância “em alerta”. Meu corpo sente-se levado por uma*
351 *forma de impulso... Ele ajusta-se aos movimentos do grupo presente na sala...*

352 Eu escolhi parar aqui a descrição, pois essa passagem demonstra o tipo de narrativa que pode ser
353 produzida na auto-explicação, segundo uma perspectiva micro-fenomenológica, em primeira
354 pessoa. Ela condensa os procedimentos citados anteriormente: a análise de uma vivência particular,
355 a descrição cronológica, a diferenciação dos aspectos (percepção, atividade, linguagem, interior...),
356 a diferenciação dos estratos da experiência vivida. Este texto poderia comportar entre 10 e 15.000

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

357 caracteres, o que necessitaria dirigir a atenção para a vivência de referência em foco durante uns
358 trinta minutos. A velocidade cinética do texto aparece, então, extremamente lenta em comparação
359 com os regimes cinéticos das narrativas autobiográficas analisadas por Baudouin em seu estudo.

360 **7. Da singularidade do vivido à sua dimensão biográfica**

361 Em termos de narrativa em primeira pessoa apresentada, diferentes planos merecem uma análise.
362 Um primeiro nível de questionamento pode voltar-se para o caráter “privado da narrativa”. A
363 escolha de um intervalo temporal restrito e a dimensão situada da narrativa pode contribuir para
364 tornar o vivido “anedótico”. Uma interrogação pode, assim, emergir: a descrição proposta é
365 interessante para a vida profissional? Para ir ainda mais longe, este tipo de narrativa não deveria
366 ficar confinado à esfera do testemunho, do exemplo, tendo mais direito de ser usado em conversas
367 informais? A perspectiva aberta neste artigo é outra. Ela consiste em fomentar que este tipo de
368 vivência, dada à fraca amplitude temporal e à forte densidade descritiva, confere um acesso à
369 dimensões do vivido mantidas pré refletidas, imperceptíveis, sendo objeto de uma cegueira. Em
370 outras palavras, o modo de exploração micro-fenomenológica teria por efeito levar as dimensões do
371 vivido tácito à consciência e de trazer à tona, pela categorização dos objetos de conhecimento novos
372 para o sujeito, para os sujeitos, e por extensão, para os coletivos de trabalho, de profissionais, de
373 usuários,...

374 Também vêm perguntas em uma passagem que determina o destino da experiência vivida: a da
375 linguagem da experiência. A exploração micro-fenomenológica, modificando os horizontes da
376 percepção, descobre dimensões atingidas anteriormente por uma forma de “cegueira”, como já foi
377 dito. Este descobrimento resulta de um despertar da atenção. Ele age potencialmente de forma
378 antecipada em relação à linguagem. A descoberta de dimensões não percebidas da experiência
379 revela uma carência de vocabulário uma vez que o que é apreendido pelo sujeito no curso da
380 exploração pode surgir da esfera do sensível. A expressão destas dimensões do vivido aparece,
381 então, em um primeiro momento, incerta e vaga (CHAUVIRÉ, 1995). Assim, o trabalho micro-
382 fenomenológico solicita pela inferência, um trabalho de invenção de linguagem, favorecendo a
383 passagem da experiência à linguagem. Assim, a passagem que o destino da experiência pode se
384 realizar, segundo a perspectiva hermenêutica, a fim de acontecer à comunidade (ZACCAÏ-
385 REYNERS, 1995).

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

386 Um terceiro eixo de interrogação volta-se, nesta perspectiva, para a extrema singularidade da
387 vivência de referência, em termos daquilo que constitui uma prática profissional, a vida de uma
388 instituição, o curso da vida de um sujeito. Retomando o exemplo (em primeira pessoa anteriormente
389 proposto), a reticência pode ser formulada da seguinte maneira: em que a vivência de trinta minutos
390 descrita anteriormente é significativa ou reveladora de um estilo profissional (Clot, 1999), de uma
391 postura ou de uma maneira de exercer que encontram sentido em relação à maneira que eu exerço
392 meu trabalho de formador, de professor pesquisador?

393 É preciso retomar as condições de produção da narrativa que foram propostas neste artigo:

394 *O que eu fiz exatamente? Como este momento acontece em minha mente? Como eu o apreendi?*
395 *Quais foram as passagens entre a apresentação deste momento à minha consciência e a entrada*
396 *na descrição? Se eu concentro-me no momento de emergência, eu diria que ele apresenta-se sob*
397 *uma forma de evidência. Eu proponho para mim mesmo um momento relevante do exercício do*
398 *meu trabalho, e entre os temas, o acompanhamento coletivo dos estudantes me vem à cabeça. Eu*
399 *percebo retrospectivamente que este tema é importante nos meus trabalhos, tendo sido*
400 *responsável com os colegas por um importante colóquio em 2016, intitulado “Ética do*
401 *acompanhamento e agir cooperativo” que foi objeto de trabalhos e de trocas em equipe...*

402 A partir deste curto retorno reflexivo sobre o momento de emergência e a escolha da vivência de
403 referência, o que podemos observar? Que o momento que se mostrou e que foi apreendido não é
404 nada anedótico ou periférico. Ele é, incontestavelmente, singular e tanto revelador de uma dimensão
405 central da minha prática profissional. Ele “exemplifica” uma das concepções do acompanhamento
406 em formação: dos estudantes e da equipe pedagógica. Sua exploração tem, com isso, sentido na
407 medida em que revela dimensões que a excedem e que são inscritas biograficamente.

408 **8. Capacidade descritiva, partilhas narrativas e potência do agir**

409 Desejamos agora, para concluir, considerar as dimensões profissionalizantes do trabalho de
410 descrição micro-fenomenológica ligadas à exploração das experiências vividas. De fato, colocamos
411 em relevo os procedimentos que permitem o acesso à uma ou à várias experiências vividas
412 especificadas, sua descrição regulada tanto no nível do detalhe, quando da diferenciação dos
413 aspectos e da escolha de um estrato particular. Dissemos que este trabalho acompanha duas

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

414 passagens: da experiência à linguagem, que torna possível o segundo – a expressão da narrativa ao
415 outro – que pode ser diferente de si, como um coletivo, uma comunidade.

416 A primeira destas passagens é oriunda de uma transformação qualitativa da experiência, iniciando-
417 se com a percepção dos seus conteúdos, dos seus estratos, aspectos e continuando pela sua descrição
418 que a narrativa carece. A distinção feita entre experiência imediata e experiência já vivida, abordada
419 nas seções inaugurais do presente artigo, pode ser considerada a partir desta primeira passagem, ou
420 seja, da experiência à linguagem. Aprender a experiência de forma retrospectiva procede, então, de
421 uma narrativa, cuja função é tanto de significar o que foi vivido, do ponto de vista do sujeito, quanto
422 estabelecer categorias que permitam a reflexão “sobre” essas experiências vividas. Existe neste
423 processo tanto uma forma de redução (VERMERSCH, 2003) – pois a palavra nunca contém
424 completamente o experienciado do vivido - e ao mesmo tempo, a emergência de um poder de
425 integração (BILLETER, 2012), que é de pensar sua experiência segundo aspectos e dimensões
426 novas. Assim, a descrição das micro-dinâmicas do vivido procede do desenvolvimento de uma
427 capacidade: de expressão regimes de atividades (BILLETER, 2002) que se expandem da descrição
428 da ação aos vividos do corpo ou da “vida sensível”. Esta via de exploração das experiências vividas,
429 pela oscilação entre os estratos de vivências que emergem da ação, da percepção e do sentido, abre
430 novas perspectivas na área da formação de adultos:

431 - Ela renova ou estende as áreas podendo ser objeto de uma análise da vida no trabalho e/ou
432 das práticas profissionais: pela narrativa possível das campos do sensível e das vivências do
433 corpo, os coletivos de trabalho podem viver a experiência do dialogo e da recepção das
434 narrativas práticas, integrando a parte sensível da atividade. Esta abordagem contribui, dessa
435 maneira, para o reconhecimento da singularidade do estilo de cada um, até mesmo pelo fato
436 que agir profissionalmente é sempre implicar-se enquanto sujeito, fisicamente,
437 psiquicamente e corporalmente. Ela permite também compreender melhor, do ponto de vista
438 experiencial, o saber-fazer incorporado que decorre de um aprendizado, resultando em
439 formas de espontaneidade decorrentes de uma confiança nas potências do corpo (BRETON,
440 2017).

441 - Nas áreas da saúde e do cuidado, ela abre perspectivas promissoras para a compreensão do
442 que se passa no curso da experiência da doença (DELORY-MOMBERGER, 2013), durante

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

443 as fases de administração de um tratamento, na relação com os acompanhantes, no
444 reconhecimento dos saberes experienciais dos pacientes (JOUET, FLORA, L. LAS
445 VERGNAS, 2010) e na construção de cursos de formação que levem em conta a vivência
446 dos sujeitos que experienciam a doença.

447 A narrativa das experiências vividas permite, assim, a partilha da experiência pelo alargamento das
448 áreas de descrição. Deste ponto de vista, o processo de compreensão oriundo de um trabalho
449 hermenêutico encontra-se aumentado, pela experiência da escuta de narrativas que comportam
450 dimensões sensíveis no seio dos coletivos de profissionais, usuários, ou simplesmente de sujeitos.
451 Esta abordagem abre espaços de diálogo com um campo de pesquisa atualizado no artigo de Joris
452 Thievenaz intitulado: « Pour une approche micrologique de l’expérience en formation d’adultes »
453 (THIEVENAZ, 2019). De fato, mesmo se as bases do paradigma proposto neste artigo aparecessem
454 distintas (o pragmatismo americano no qual refere-se Thievenaz quando ele convoca a filosofia da
455 experiência de John Dewey mostra-se claramente distinto das ancoragens fenomenológicas
456 desenvolvidas neste artigo), um método é proposto para concretizar os “modos de conhecimento”
457 evocados por Laplantine e que trabalham Thievenaz no campo de formação de adultos. Um campo
458 de pesquisa parece em constituição em torno da atenção aos “detalhes” (BRETON, 2020) e ao
459 “micro” na área do trabalho e da formação de adultos.

460 **Referências bibliográficas**

- 461 ADAM, J-M. **Les textes : Types et prototypes**. Paris: Armand Colin, 2015.
- 462 BAUDOIN, Jean-Michel. **De l’épreuve autobiographique**. Berne: Peter Lang, 2010.
- 463 BERGER, Eve. Dans mon corps se fait jour de manière non loquace que quelque chose se
464 prépare... **Intellectica**, n. 66, p. 103-124, 2016.
- 465 BILLETER, Jean-François. **Leçons sur Tchouang-Tseu**. Paris : Allia, 2002.
- 466 BILLETER, Jean-François. **Un paradigme**. Paris : Allia, 2012.
- 467 BITBOL, Michel. Une science de la conscience équitable. L’actualité de la neurophénoménologie
468 de Francisco Varela. **Intellectica**, 2006/1, n. 43, p. 135-157, 2006.
- 469 BRETON, Hervé. Co-explicitation, attention conjointe et fonctions d’accompagnement en
470 formation. **Éducation Permanente**, n. 205, p. 87-98, 2015.

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

- 471 BRETON, Hervé. Interroger les savoirs expérientiels *via* la recherche biographique. **Le sujet dans**
472 **la Cité**, n.8, p. 25-41, 2017
- 473 BRETON, Hervé. L'enquête narrative, entrée durée et détails. **Éducation Permanente**, n. 222,
474 [2020]. À paraître, 2020.
- 475 CHAUVIRÉ, Christiane. **Peirce et la signification. Introduction à la logique du vague**. Paris:
476 PUF,1995.
- 477 CLOT, Yves. **La fonction psychologique du travail**. Paris: PUF, 1999.
- 478 CLOT, Yves. **Le travail à cœur**. Paris: La Découverte, 2009.
- 479 DEJOURS, Christophe. **Travail vivant 2 : Travail et émancipation**. Paris: Payot, 2009.
- 480 DELORY-MOMBERGER, Christine. Expérience de la maladie et reconfigurations biographiques.
481 **Education Permanente**, n.195, p. 121-131, 2013.
- 482 DEPRAZ, Natalie. **Plus sur Husserl. Une phénoménologie expérientielle**. Paris: Atlande, 2009.
- 483 DEPRAZ, Natalie. VARELA, Francisco. VERMERSCH, Pierre. **À l'épreuve de l'expérience**.
484 Bucarest: Zénith, 2011.
- 485 DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète**. Paris: Armand
486 Colin, 2012.
- 487 DEPRAZ, Natalie. D'une science descriptive de l'expérience en première personne : pour une
488 phénoménologie expérientielle. **Studia Phaenomenologica**, n. 13(1), p. 387-402, 2013.
- 489 DEPRAZ, Natalie. (dir.). **Première, deuxième, troisième personne**. Bucarest: Zeta books, 2014.
- 490 DEWEY, John. **L'art comme expérience**. Paris: Gallimard, 1934/2010.
- 491 DJÉLOT DIALO, Mariana., CLOT, Yves. L'exploration de l'expérience dans l'analyse de
492 l'activité : problèmes de méthode. **L'Orientation Scolaire et Professionnelle**, n. 32/2, p. 203-
493 217, 2003.
- 494 DUBOSC, Jean., CLOT, Yves. L'autoconfrontation croisée comme instrument d'action au travers
495 du dialogue : objets, adresses et gestes renouvelés. **S.A.C. Revues d'anthropologie des**
496 **connaissances**, Vol4, n°2, p. 255-282, 2010.
- 497 FREGA, Roberto. **Pensée, expérience, pratique**. Paris: L'Harmattan, 2006.
- 498 GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.
- 499 HUSSERL, Edmund. *De la synthèse passive*. Grenoble: Jérôme Million, 1018-1926-1998/1998.

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

- 500 JOBERT, Guy. Intelligence au travail et développement des adultes. In : CARRÉ, Philippe et
501 Caspar, Pierre. **Traité des sciences techniques et des techniques de la formation**, p. 357-381.
502 Paris: Dunod, 2011.
- 503 JOUET, Emmanuelle. FLORA, Luigi. LAS VERGNAS, Olivier. Construction et reconnaissance
504 des savoirs expérientiels des patients : Note de synthèse. **Pratiques de formation – Analyse**, n.
505 58-59, p. 13-94, 2010.
- 506 LAPLANTINE, François. **De tout petits liens**. Paris : Mille et une nuits, 1994.
- 507 PETITMENGIN, Claire. L'énaction comme expérience vécue. **Intellectica**, 2006/1, n. 64, 85-92,
508 2006.
- 509 PETITMENGIN, Claire. La dynamique pré-réfléchie de l'expérience vécue. **Alter**, n. 18, 165-182,
510 2010.
- 511 PETITMENGIN, Claire., BITBOL, Michel., OLLAGNIER-BELDAME, Magali. Vers une science
512 de l'expérience vécue. **Intellectica**, 2015/2, n. 64, 53-76, 2015.
- 513 PIAGET, Jean. **La prise de conscience**. Paris : PUF, 1974.
- 514 QUÉRÉ, Louis. Singularité et intelligibilité. Dans J-M Barbier, **L'analyse de la singularité de**
515 **l'action**. Paris: PUF, p. 147-169, 2000.
- 516 RICŒUR, Paul. *Temps et récit. I. L'intrigue et le récit historique*. Paris : Seuil, 1983
- 517 RICŒUR, Paul. **Du texte à l'action**. Paris: Seuil, 1986.
- 518 THIEVENAZ, Joris. **Enquêter et apprendre au travail: approcher l'expérience avec John Dewey**.
519 Paris: Éditions et Passions, 2019.
- 520 VARELA, Francisco. **Autonomie et connaissance**. Paris: Seuil, 1989.
- 521 VARELA, Francisco., THOMPSON, Eva., ROSCH, Eleanor. **L'inscription corporelle de l'esprit**.
522 Paris: Seuil, 2003.
- 523 VARELA, Francisco. **Le cercle créateur**. Paris: Seuil, 19761-2001/2017.
- 524 VERMERSCH, Pierre. **L'entretien d'explicitation**. Paris: ESF, 2000.
- 525 VERMERSCH, Pierre. Psycho-phénoménologie de la réduction. **Alter**, n°11, 229-255, 2003.
- 526 VERMERSCH, Pierre. **Explicitation et phénoménologie**. Paris : PUF, 2012
- 527 ZACCAÏ-REYNERS, Nathalie. **Le monde de la vie. 1. Dilthey et Husserl**. Paris: Cerf, 1995.
- 528
- 529
- 530
- 531

[PREPRINT]

BRETON, H. (2020). Microfenomenologia da vivência no trabalho: da epistemologia ao método. Dans A. Tomasi et R. Romagnoli (dirs). *Diálogos entre trabalho et educação: desafios contemporâneos* (p. 107-134). CBL : Belo Horizonte, [Brésil].

532 **Palavras-chave:** descrição, experiência, explicitação, microfenomenologia, vivência.

533 **Resumo:** Este artigo apresenta um estudo de uma modalidade de narração da experiência singular :
534 a fenomenologia descritiva. Propõe-se uma reflexão de ordem epistemológica e metodológica em
535 relação a um trabalho de descrição da experiência para, então, situar seus desafios tanto do ponto de
536 vista científico, quanto formativo. Para tanto, distingue-se os métodos e as posturas visando a
537 exploração das experiências segundo o que as mesmas operacionalizam em primeira, segunda e
538 terceira pessoa. Estudou-se também os regimes cinéticos dos textos descritivos, diferenciou-se os
539 estratos de vivências, tornando-os acessíveis por meio da descrição a fim de pensar as dimensões
540 profissionalizantes e transformadoras das abordagens microfenomenológicas do vivido no trabalho.